

O processo de leitura na resignificação da subjetividade docente

Raquel Lazzari Leite Barbosa (UNESP/Brasil)
Sérgio Fabiano Annibal (UNESP/Brasil)

Roger Chartier promove um inventário acerca da história da leitura insistindo na continuidade do processo de leitura ao longo do tempo. Ele não acredita em rupturas profundas e, sim, em uma permanência, acumuladora de experiências na postura do leitor.

Em sua obra *Os desafios da escrita* (2002) debruça-se sobre a temática do leitor contemporâneo, principalmente, no que se refere aos desafios apresentados pelo texto digital. Aborda discussões como o lugar das línguas nacionais nesse tipo de texto e a questão tipográfica e editorial, que se relaciona com o tema geral do livro à medida que constitui mais uma modalidade de intervenção na singularidade do escrito e uma possível corrupção da leitura. Discorre ainda acerca de como o escrito, por meio da identidade do escritor, outorgada pela Literatura, preocupa-se com a deturpação textual, vide *Don Quixote de la mancha* e, finalmente, o papel do leitor diante das inovações do suporte e, sobretudo, a coexistência do manuscrito no universo do impresso.

Essa idéia da permanência do manuscrito no campo do impresso é fascinante porque nos mostra como o homem se constitui como sujeito histórico, resistindo a abandonar hábitos que lhe foram transmitidos culturalmente e que o coloca como parte integrante de determinado período histórico e social.

Além disso, acrescentamos que a intervenção da letra, traçado individual e marcante, consolida a intervenção do leitor. Trata-se de um ato que o coloca como senhor daquele processo. Fica-nos fácil identificar tais posturas a nossa volta: quando um amigo nos diz que é incapaz de escrever diretamente no teclado do computador. Mais um exemplo dessa permanência são as novas tecnologias que unem a presença do traçado humano na tela pela tecnologia de produção escrita digital.

Já há algum tempo, temos algumas palavras de ordem como *Web*, *Internet*, hipertexto e ciberespaço. No entanto, ao estudarmos a história da leitura, observamos uma interrelação constante entre passado e presente e, provavelmente, notaremos tal fato também no futuro, à medida que o homem, ao utilizar-se do mecanismo da leitura em busca de algum elemento para sua existência, produza uma mistura de hábitos ou costumes. Essa hibridização de tempos e hábitos ocorre, talvez, para aperfeiçoar a

prática de leitura, seja no âmbito cognitivo, seja no âmbito postural físico diante do texto. É importante esclarecer que a utilização do termo cognitivo neste texto se refere aos modos de aquisição do conhecimento pela leitura e não configura um estudo a respeito do funcionamento bio-psíquico do indivíduo. Em Chartier (2002, p. 8), temos como forma de complemento ao nosso raciocínio sobre o tempo no processo de leitura e de escrita um fragmento de texto que diz: “[...] as novas técnicas não apagam nem brutal nem totalmente os antigos usos, e que a era do texto eletrônico será ainda, e certamente por muito tempo, uma era do manuscrito e do impresso.”

A conservação de antigos hábitos no homem contemporâneo esteve presente em todas as fases de mudança na sociedade. Toda vez que há uma revolução ou há uma mudança significativa no cerne do funcionamento social, nada se transforma de imediato, às vezes as alterações levam anos para serem absorvidas. Essa absorção muitas vezes se dá de maneira parcial, devido, provavelmente, ao sentimento de resistência e de preservação típicas do ser humano e que já assinalamos acima.

Novamente, de acordo com Chartier (2002, p. 23), a identidade autoral que o texto digital relega nos leva a compreender que “todas as entidades textuais são como bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente não supõe a compreensão ou percepção das obras em sua identidade singular.”

Essa postura nos remete às concepções de globalização em que o indivíduo se dissolve e passa a pertencer a massa. Todavia, esse processo é irreversível e não temos como recuar, o que procuramos encontrar é um meio de reagir a essa legião de homens sem rosto, vistos em bloco, e nos colocar como rostos vivos diante da massa. Talvez, esse sentimento seja reflexo daquilo que estamos discutindo: a nossa insistência, por meio da resistência, em continuarmos como indivíduos e autores de nossos próprios pensamentos.

No interior de sua tese a respeito da permanência de uma tradição leitora no leitor, estampada através de hábitos e costumes, Chartier (2002) assinala o fato de que o texto eletrônico causou rupturas na ordem do discurso e originalizou-se à medida que obrigou o leitor a realizar mudanças em seu estado anterior, acumulado ao longo dos séculos, para poder se adequar às demandas que o novo suporte exigia para ser manuseado: “[...] o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição.” (CHARTIER, 2002, p. 23)

Assim, essa ruptura se faz presente, mas o interessante de se refletir juntamente com Chartier sobre a história da leitura é reconhecer que as rupturas não ocorrem de forma rápida e decisiva, ignorando o passado. Nesse sentido, as inovações da leitura para o leitor, em forma de ruptura não se efetuam completamente, elas agem de maneira intermitente dentro de uma prática que acreditávamos estar consolidada. Presente e passado coexistem. Talvez, o desassossego que Chartier se refira em *Os desafios da escrita* (2002, p. 24) aponte para o estado do sujeito leitor em pleno estágio descontínuo: é o tempo que ele tem para incorporar a novidade, lutando com o peso da tradição que deixou como herança muitos hábitos na nossa memória coletiva diante da leitura inscrita no papel e marcada pelas páginas e pela organização do velho códex. E, de acordo com o autor francês, e com a nossa própria experiência leitora essa ruptura não se efetuará por completo, mas comporá junto com os hábitos e costumes já existentes o *mix* histórico e social do leitor contemporâneo, insistente em resgatar o *volumen*, o *codex*, o impresso e o manuscrito na sua relação com o mundo digital ou qualquer outro tipo de mídia que tenha o escrito como matéria prima.

Além de Chartier, contaremos também com as contribuições de Cavallo no livro intitulado *História da leitura no mundo ocidental* (Chartier e Cavallo, 2002) organizado pelos dois autores. O livro aborda os hábitos e os costumes dos leitores diante da escrita nos períodos históricos correspondentes à Antigüidade clássica, à Idade Média e à Idade Moderna e, por fim, à contemporaneidade. Discorre sobre pontos fundamentais para pensarmos a leitura realizada em voz alta e a leitura silenciosa, a relação funcional entre leitor e leitura nos diferentes períodos históricos do mundo ocidental e, sobretudo, os momentos de ruptura e de preservação (intermitência) trazidos pelas chamadas revoluções da leitura e a caracterização dos leitores em intensivos e extensivos.

A partir do momento em que compreendemos as relações leitoras em consonância com seu período histórico e social podemos visualizar como o processo interpretativo do mundo das palavras ocorria, isto é, como as revoluções da leitura eram encaradas e incorporadas, além de nos preparar para um olhar mais compreensivo e sagaz das atuais mudanças em nós mesmos e nos outros leitores que estão a nossa volta. Com isso, esse panorama diacrônico das evoluções nos parecem mais tangíveis e menos cruéis, à medida que teremos maior ciência do processo comportamental do leitor com o escrito no conflito de incorporação de mais um suporte e quais serão os hábitos que permanecerão e os que terão de ser, paulatinamente, modificados com as novas exigências.

Apesar da contextualização do escrito e do leitor, elementos estes que parecem cercear o indivíduo, não podemos esquecer do papel democrático, reflexivo e emancipador que a leitura representa, abrindo relações intertextuais ou como Genette (1987) classifica: transtextuais ou, ainda, como Bakhtin assinala: dialógicas, que culminam no questionamento natural da suposta continuidade histórica e reafirma que:

Cada leitura constitui portanto uma interpretação diferente do texto, diversa para cada leitor. No entanto, apesar das reservas de Platão, o escrito goza da liberdade de “rolar” livremente em todas as direções e se presta a uma leitura livre, a uma interpretação e a um uso do texto com total liberdade. (CAVALLO e CHARTIER, 1988, p. 10)

A relevância do texto, portador de sua essência democrática, como tivemos a oportunidade de observar através da alusão que os autores [Chartier (1988) e Cavallo (1988)] fizeram ao verbo grego *Kalindo*: rolar e chegar a todos sem discriminação, encontra obstáculos no contexto atual, pois o poder estabelecido pelos homens e pelas suas economias cria empecilhos para que a leitura “role” para todos e cumpra sua função formadora.

Um outro fato se apresenta no percurso da história da leitura, trata-se da formação das bibliotecas. As bibliotecas tinham seus objetivos específicos marcados por suas necessidades temporais, mas de maneira geral serviam para atender às expectativas de conservação do escrito e da ambição de reunir a produção escrita da humanidade. Sua logística variava com as intenções de cada época. Graças a esses monumentos dedicados à leitura e ao depósito do escrito, a prática da leitura silenciosa foi fortemente implementada. São marcantes as construções da biblioteca de Alexandria, algumas do período helenístico e as bibliotecas nacionais.

Em relação à representação social das bibliotecas, não podemos negar que seu surgimento aponte para uma maior valorização e viabilização, resguardando as proporções espaciais e temporais do suporte escrito. Todavia, como vimos em Trimalquião, personagem de Petronio (Cavallo e Chartier, 1988, p. 18), o livro passou a ter seu objetivo emancipador desvirtuado por aqueles que agregaram um valor apenas ostentatório ao escrito, sem atribuir um valor realmente nobre a leitura. Pousar ao lado dos livros e da cultura letrada imputava, muitas vezes, respeito e dignidade a quem mal sabia manusear o instrumento escrito. Da mesma forma que Trimalquião, esse hábito de pousar ao lado do livro para imputar uma representação social positiva atravessou os

séculos e atingiu os dias atuais. Porém, tal artifício está se desgastando e se transformando em mercadoria, fato perigoso para uma conjuntura que necessita em demasia da utilização eficaz do escrito para que possa responder a contento às exigências de uma sociedade letrada, da qual fazemos parte.

Em países como o nosso, onde Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre muito bem observaram: a cultura em que todos se pretendem fidalgos e também a cultura do bacharel e da verborragia contribuem para a imputação de uma postura letrada a uma elite que, no sentido platônico, não se comporta como tal e que apenas se preocupa com interesses pessoais e mesquinhos. Se tal elite se comprometesse, como Platão pensava em sua *República*, a postura seria de líder que conduz à emancipação, digna de pousar ao lado da letra e de compor historicamente a responsabilidade pelas rupturas na continuidade dos hábitos e costumes na leitura, simplesmente, possibilitando o acesso e a dinamização de um sistema sócio-político realmente preocupado com questões de fomento à educação de qualidade.

Em relação às revoluções da leitura, temos aquela ocorrida antes da revolução de Gutenberg, que levou o leitor à leitura silenciosa. Já na época de Goethe temos como ponto relevante o leitor extensivo em relação ao intensivo, marcando uma ruptura no hábito do leitor e no processo cognitivo deste, à medida que verificamos uma ampliação no volume, nos temas da leitura e na intenção do leitor. Finalmente, nos deparamos com a revolução eletrônica, na qual o leitor se vê imerso num processo híbrido de texto, ou seja, o tom é dado pela intermitência: hábitos são resgatados de um passado longínquo pelo hipertexto, vide a leitura na tela, quase reproduzindo uma espécie de rolo em consonância com processos ágeis e característicos do leitor contemporâneo, controlador do suporte textual em mídia digital.

Tudo isso ocorreu durante uma necessidade temporal específica e de subjetividade aguçada, promovido pela linguagem: o Romantismo. Esse movimento literário se caracteriza, *grosso modo*, pelo diálogo do homem com ele mesmo. O indivíduo é obrigado a olhar-se para entender os conflitos do seu eu. O tipo de escrita utilizada pelos românticos para suscitar essa determinada postura do leitor exigiu um exercício perspicaz de linguagem de ambas as partes, tanto aquele que escreve quanto aquele que lê. Talvez, o hábito adquirido há séculos pela leitura silenciosa e intimista contribuíram para a constituição desse leitor extensivo, sedento de informações, superando o repertório oferecido pelos textos religiosos e captados pelos leitores

intensivos de maneira mecânica. Para compreendermos melhor esses dois tipos de leitores, segue a citação abaixo:

[...] O leitor “intensivo” era confrontado a um *corpus* limitado e fechado de livros, lidos e relidos, memorizados e recitados, compreendidos e decorados, transmitidos de geração a geração. [...] O leitor “extensivo”, o *Lesewut*, da “obsessão do ler”, que se apodera da Alemanha no tempo de Goethe, é um leitor completamente diferente: consome impressos numerosos, diferentes, efêmeros; ele os lê com rapidez e avidez, submete-os a um olhar crítico que não subtrai mais nenhum domínio à dúvida metódica. [...] (CAVALLO e CHARTIER, 1988, p. 28)

A leitura no computador parece fundir presente e passado em um mesmo suporte, isto é, o *códex* e o *volumen* são resgatados e ressignificados na tela do computador: “É, portanto, todo o sistema de identificação e de manejo dos textos que é transformado. Ao ler numa tela, o leitor de hoje – e ainda mais o de amanhã – encontra novamente algo da postura do leitor da Antigüidade que lia um *volumen*, um rolo.” (CAVALLO e CHARTIER, 1988, p. 30). Quando discutimos essa união dos hábitos e dos costumes do leitor diante da máquina, não podemos deixar de aludir a algo que ficou na memória coletiva de um povo. Posturas que são transmitidas de uma geração para a outra. O que estamos fazendo neste momento é uma tentativa de sistematização dessa memória que temos e de que não podemos em hipótese alguma retrocedê-la, mas tomar ciência de que ela sempre existiu e que está viva e alimentando nossas relações sócio-históricas. Ao passo que a reavivamos, tornamos a incorporá-la e a nos preparar para os momentos de crise e ter a segurança mínima, oferecida pela história, que as dúvidas e o estado confuso pertencem ao processo de revolução.

Essa fusão dos costumes no universo digital configura uma espécie de *cronoptopo* da história da leitura, isto é, o tempo e o espaço se fundem no produto da terceira revolução da leitura. *Volumen* e *Codex* coexistem mesmo que ressignificados na tela, local do ciberespaço, da incerteza autoral e da participação efetiva do sujeito leitor. Verificamos um emaranhado, uma coexistência de tempos e de espaços. A novidade que nos plasma é o elemento híbrido existente no novo suporte. Tudo se mistura e parece grande demais, típico da chamada aldeia global, onde todos (pelo menos os que sabem manusear o novo sistema informacional) parecem ser senhores do novo meio. Todavia, sabemos que devido a divisão econômica da aldeia nem todos são os donos.

No cerne da distribuição dessa tecnologia, no qual o *cronoptopo* parece configurar como uma forte característica, observamos um tipo de efeito espelho em que a tela projeta sobre a postura do leitor novas demandas e que em muitos casos a imagem refletida se distorce por problemas na recepção. Tais problemas incidem sobre o déficit de linguagem que repele o leitor ou o submete a uma aceitação, com potencial crítico insuficiente, à cultura imposta pelo dominante no interior da tal aldeia global.

Não podemos levantar bandeiras de que a tecnologia nos traz males, isto não é verdade, ela faz parte do nosso processo evolutivo. Mas o que esperamos com a leitura é o seu papel genuinamente emancipador e crítico para que possamos interagir com esse caráter híbrido, presente na revolução eletrônica, e aumentar o nosso repertório com a incorporação e objetivação dessa coexistência de várias linguagens.

Essa coexistência de várias linguagens criou uma profusão de textos e modalidades de leitura, que estão para além do signo verbal, se pensarmos nos textos dos *midia*, tais como: televisão, cinema, mídias publicitárias, celulares, DVDs, MP3, dentre outras. Essa diversidade dos *midia* torna mais complexa as rupturas dos hábitos incorporados pelos leitores ao longo da história da leitura, devido ao fato da simultaneidade de vários suportes do signo agirem sobre o leitor ao mesmo tempo, obrigando esse novo leitor a desenvolver habilidades simultâneas e aperfeiçoar sua capacidade de incorporação e objetivação desses meios. Temos a impressão de que o homem está fragmentado diante do escrito. Logo, esse contexto cria novas categorias de leitores referentes às relações dos homens com os diferentes *midia*.

Santaella (2002, p. 30-39) percorre a história da leitura e analisa modalidades de leitura, discutindo, sobretudo, como essas modalidades interferem nos processos cognitivos do indivíduo. Tais modalidades, além das relações com a escrita, mostram as relações com as transformações midiáticas.

Nesse sentido, a história da leitura remete a um assunto polêmico: encarar a leitura como uma etapa ou instância das práticas de recepção sem que se confunda a leitura com recepção. Ademais, apontamos para a importância da reflexão sobre as inquietações existentes entre leitura e educação que, como iremos observar, nos remeterá também às práticas de recepção no processo de educação que se dá pela comunicação entre os sujeitos docente e discente.

Após as considerações que fizemos acerca da história da leitura, pautadas em Roger Chartier (2002) e Chartier e Cavallo (2002), julgamos prudente para as reflexões que estão sendo desenvolvidas neste texto estender tais considerações para o âmbito

educacional, especificamente na representação social do professor. Com isso, procuramos discutir aspectos do professor na perspectiva de situá-lo como um receptor/leitor e no universo escolar, além de considerar alguns elementos que auxiliam na sua definição como profissional da área de educação. Para tanto, procuramos situá-lo como ser social, depositário de subjetividades que formam tanto o caráter pessoal quanto o profissional desse indivíduo. Estamos nos referindo às mediações, teoria desenvolvida por Martín Jesus-Barbero (2001) para compreender melhor o intervalo espaço-temporal que separa instâncias emissoras de instâncias receptoras no convívio social.

Para promovermos essa breve discussão elegeremos duas categorias mediadoras uma de ordem pessoal e a outra de ordem institucional: a) a relação do professor leitor/receptor com sua própria aquisição da leitura e b) relação desse professor, após ter se apropriado dos processos de leitura, com a conduta profissional na escola.

A primeira mediação, nos leva a situar esse professor contemporâneo no centro das divergências dos diferentes tipos de relação com a leitura de que é herdeiro, por meio da tradição escolar e das inovações tecnológicas de suporte do texto escrito. Atualmente, na escola, verificamos os mais variados exemplos em relação ao trato com a leitura por parte dos docentes, temos os que interpretam o processo de aquisição dessa habilidade de maneira silábica e superficial até os que se preocupam com níveis mais abstratos e profundos do texto, demonstrando uma compreensão mais refinada da leitura. Ao observar esse quadro, observamos dois aspectos: a representação social que esse profissional tem da leitura e de que maneira ele operacionaliza essa representação com seus alunos. Portanto, nos é possível aludir quais os princípios de formação docente que circundam esse sujeito.

Ao aprofundar essas observações, observemos que surgem aos nossos olhos o profissional que apresenta uma experiência de expansão própria por meio da leitura e a encara como um material transcendente, capaz de conduzir o intelecto humano a um mundo sem fronteiras. Emancipador. Esse professor é capaz de enfrentar as multífaces do texto em quaisquer suporte que ele esteja. Cada palavra ou oração configura um elemento crescente. Conseqüentemente, no plano empírico, em sala de aula, a abordagem será constantemente atualizada e aberta para que a subjetividade receptora e interpretativa do aluno tenha espaço. Assim, arriscamos dizer que a relação desse professor leitor/receptor foi positiva e construtiva e, sobretudo, autônoma.

Já o outro exemplo caminha em direção da manutenção do reducionismo, denotando uma formação *strictu sensu* de leitura. Formação que o faz estabelecer reações com a leitura em níveis reduzidos, que apenas visualiza o texto preso entre as margens e em suportes restritos, parece ter dificuldades de explorar o caráter transcendente do escrito. Geralmente, se fixa apenas no plano sistêmico do texto, tardando a enfrentar os desafios polissêmicos e dialógicos do escrito, dificultando, dessa forma, concepções mais definidas do potencial material semântico e emancipador do material texto, além de correr o risco da anacronia, isto é, a incapacidade de relação entre o texto e o tempo histórico, conceito tão caro e importante para a evolução pessoal e subjetiva do professor leitor/receptor e do aluno.

A segunda mediação focaliza o professor no âmbito institucional: a escola. já nos referimos ligeiramente sobre a atuação docente nesse espaço social. As duas mediações que foram eleitas trazem a dificuldade de serem separadas categoricamente, à medida que tratamos de espaços de representação de um sujeito uno, isto é, o espaço subjetivo e o espaço escolar, que tanto na constituição subjetiva quanto na constituição profissional estão fortemente relacionadas. É o desdobramento da primeira, os fatores que formam o sujeito em relação à leitura interferem e estão em conexão com o sujeito que colocará esses fatores em funcionamento ou em exposição no mercado de trabalho.

Como sabemos, ao encerrar um curso superior de licenciatura, o licenciado vai para a sala de aula e a ação nesse campo traz como bagagem experiências e perfis variados, como já foi assinalado anteriormente. Esses professores inseridos no ambiente escolar criam dois tipos de posturas, uma emancipadora e de resistência outra de manutenção dos sistemas impostos. Coincidentemente, na maioria das vezes, o repertório de leitura e das redes estabelecidas por esses textos influencia fortemente nas tomadas de decisões pedagógicas e políticas no mercado de trabalho.

Assim, o que nos espanta nesses espaços não se trata propriamente do desconhecimento de muitos dos nossos colegas em relação ao aspecto pedagógico do trato com a leitura, mas uma quase inépcia de percepção em relação ao sistema sócio-político que o encerra e o desestimula e que, contribui na condução aos déficits no tratamento consciencioso com as várias tipologias textuais e sociais.

Ao relacionarmos nossas discussões no âmbito da formação docente e da leitura à atuação do professor receptor/leitor no meio em que vive levantamos uma questão acerca de posturas que extrapolam o texto e vão para a ação do homem em sociedade. Comparamos o tecido textual ao tecido social e dizemos ainda que eles parecem seguir

em paralelo. Assemelham-se. Caso não estivermos aptos em um deles provavelmente teremos dificuldades em operar o outro. Pensemos em um texto argumentativo, por exemplo, onde temos que apresentar o tema, discuti-lo e sintetiza-lo, se não tivermos essa habilidade em operações abstratas de manuseio com o escrito, isto é, sistematizado, encontraremos dificuldades, não queremos dizer que configure impossibilidade, em transcender para o extra texto e obter uma boa performance. Fato perigoso em um contexto histórico contemporâneo, no qual a apropriação e objetivação proficiente da linguagem pode configurar um signo de resistência.

Quando a leitura, elemento da recepção humana, não cumpre o papel inerente à sua natureza: a abertura às intetextualidades e interdiscursividades, além da capacidade de emancipação do sujeito, ela se torna simples instrumento de manutenção e de exploração, servindo apenas, no caso da escola, para provocar sons em palavras com os sentidos obscuros e fornecer a ilusão ao docente que seu papel de professor algo, leia-se: debruçar-se sobre palavras não tangíveis para os alunos e, muitas vezes, pouco tangíveis para eles próprios. Esse sistema relega aqueles que não se relacionaram bem com a leitura e que por motivos vários foram “coisificados” profissionalmente e condenam a educação ao enfadonho e ao estéril, marcando o posicionamento solitário, reprodutivista e massificador desse sistema. Não atualiza o tempo, não passa pelos crivos críticos e desassossegados do intelecto humano.

O que pretendemos assinalar na tentativa de criar uma interface entre leitura, mediações e formação docente foi que a reação desse sujeito leitor diante do mundo é formado por vários elementos, tais como: sua história pessoal com a leitura, o mundo que as palavras puderam ofertar para esse indivíduo, a mobilidade social e subjetiva que essa relação com o escrito provocou para esse professor, a representação social que ele tem dele mesmo e do outro, dentre tantas outras possibilidades. Caso as relações enumeradas acima tenham sido positivas e prazerosas é possível que tenhamos grandes possibilidades de encontrarmos um sujeito aberto ao universo da leitura e do ensino processual dessa habilidade e caso isto não tenha ocorrido de maneira profícua em sua trajetória, provavelmente nos depararemos com a manutenção e a reprodução de uma sistema.

Talvez, tais divergências fossem amenizadas se os trajetos de leitura que a humanidade já trilhou e ainda trilha e o trajeto pessoal desse docente fossem confrontados para que ele pudesse refletir sobre esses dados históricos e se colocasse como membro ativo dessa engrenagem, para buscar caminhos alternativos para

dinamizar e contribuir para os processos de incorporação pelos alunos dessa etapa da recepção. Mas, temos que deixar claro que não pretendemos contribuir para o discurso dessa conjuntura política, em que tudo é atribuído as decisões individuais e solitárias do indivíduo docente, pelo contrário, assinalamos para a importância da reflexão coletiva e ampla, isto é, poder público, escola, universidade e sujeitos docentes para pensarmos em saídas para o equívoco que uma formação deficiente em relação à linguagem pode conduzir o professor, seus alunos e a comunidade em geral.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética – a teoria do romance.**

São Paulo: UNESP/Hucitec, 1993.

CHARTIER, R. **Os desafios da Escrita.** São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, R. CAVALLO, G. (Orgs) **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

SANTAELLA, L. Três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. In: **Revista Líbero – Revista Acadêmica de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero.** São Paulo: Fundação Cáper Líbero, ano V, v. 5, 9-10, 2002. p. 30-9.